



A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Izabel Cristina Feijó de Andrade¹
Josiane Vieira Brito²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a prática do diagnóstico precoce do autismo na educação infantil. O diagnóstico do transtorno do espectro autista, algumas pesquisas foram realizadas ao longo dos anos e têm revelado os mecanismos de desenvolvimento do cérebro nos primeiros anos de vida, e quanto mais estimulada, melhor o resultado a longo prazo. Observando essas características quanto mais cedo os traços do TEA forem identificados, mais rapidamente será iniciada a estimulação e mais efetivo será o desenvolvimento neuropsicomotor. A estimulação pode atingir o período ótimo definido pelas denominadas “janelas de oportunidades” do cérebro das crianças e a detecção precoce pode auxiliar a treinar habilidades que, se porventura houver um atraso no diagnóstico, não poderão mais ser alcançadas. O TEA pode manifestar-se com atraso desde os primeiros meses de vida. Alguns bebês podem demonstrar sinais precoces, como o atraso do sorriso social, a preferência por objetos e brinquedos em vez da interação com faces humanas, a deficiência no olhar sustentado ou reciprocidade do olhar, as dificuldades graves de sono, o déficit de interação social e interesse no outro, o atraso na linguagem, a pouca comunicação não-verbal e do apontar, dentre outros fatores. Geralmente são bebês que não demandam muito colo, que ficam bem sozinhos, que conseguem brincar isoladamente, que não choram por qualquer motivo e que não exigem muito a atenção dos pais, considerados “bebês bonzinhos”.

Palavras-chave: Autismo. Diagnóstico. Educação infantil.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the practice of early diagnosis of autism in early childhood education. The diagnosis of autism spectrum disorder, some research has been carried out over the years and has revealed the mechanisms of brain development in the first years of life, and the more stimulated, the better the long-term result. Observing these characteristics, the sooner the ASD traits are identified, the faster the stimulation will be initiated and the more effective will be the neuropsychomotor development. Stimulation can reach the optimal period defined by the so-called “windows of opportunity” in children's brains and early detection can help train skills that, if there is a delay in diagnosis, can no longer be achieved. ASD can manifest with delay from the first months of life. Some infants may show early signs, such as delayed social smile, preference for objects and toys over interaction with human faces, impaired sustained gaze or gaze reciprocity, severe sleep difficulties, deficits in social and interest in the other, language delay, little non-verbal communication and pointing,

¹ Orientadora do artigo. Doutora em Educação. 1

² Pedagoga e Especialista em Psicopedagogia, ICEP.

Revista Gepesvida

among other factors. They are usually babies that don't require a lot of lap, that are fine alone, that can play alone, that don't cry for any reason and that don't require much attention from their parents, considered "nice babies".

Keywords: Autism. Diagnosis. Child education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade uma reflexão sobre a prática pedagógica na educação infantil em relação a criança autista, pois esta síndrome é extremamente complexa, pois atinge importantes áreas do desenvolvimento que é a comunicação, a socialização e o comportamento. A palavra autismo foi utilizada por Eugene Bleuler, em 1911 faz referência a um sintoma da esquizofrenia, um dos traços da psicose. Segundo Rodrigues e Spencer (2010, p. 19): “Bleuler propõe uma “ausência da realidade”, com o mundo exterior, e, conseqüentemente, impedimento ou impossibilidade de comunicar-se com o mundo externo, demonstrando atos de um proceder muito reservado”.

Por volta de 1980 que o autismo foi reconhecido pela primeira vez e inserido em uma nova classe de transtornos, os transtornos invasivos do desenvolvimento (KLIN, 2006).

Ainda não se sabe o que causa o Autismo, porém estudos demonstram ser parte de um componente genético, o que se sabe atualmente sobre o autismo é que até o momento apresenta apenas tratamento. Contudo, há um consenso unânime no mundo de que quanto antes for diagnosticada e tratada, melhores são as possibilidades da pessoa com síndrome ter uma maior qualidade de vida (VARELLA, 2013)

Esse estudo parte do seguinte questionamento: “como as escolas de educação infantil têm atuado para que as interações inclusivas aconteçam de forma significativa dentro de seus espaços de educação infantil?”

O AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

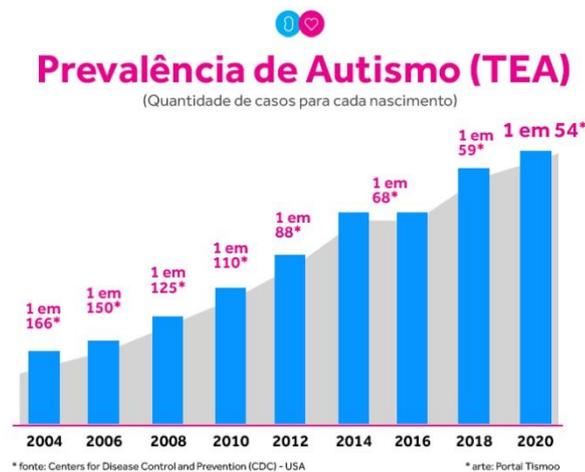
O Brasil está passando por um período de reestruturação nos métodos de ensino e aprendizagem para as crianças, com isso abrindo novos caminhos para a

Revista Gepesvida

inclusão social e educacional, principalmente das crianças com necessidades educacionais especiais. Tanto as escolas de rede de ensino particular e como públicas estão desenvolvendo formas de possibilitar melhores condições a essas crianças, para que possam fazer uso de seus direitos.

O autismo tem como característica de se manifestar antes dos três anos de idade, em que começa a aparecer um dos primeiros sinais que é a sua habilidade social. O autista é praticamente incapaz de desenvolver uma relação com outras pessoas, ou seja, ele não consegue interagir com o meio social e isso compromete a comunicação (BRITO, 2015).

Outra característica são as condutas auto agressivas ou heteroagressivas, hiperatividade e impulsividade que podem acompanhar o desenvolvimento da criança com autismo, e foi definido pela Organização Mundial de Saúde como um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. E pode ocorrer 1 caso em 54 nascimentos.



No que se refere aos aspectos psicossociais, nota-se que os autistas têm como característica o isolamento, e isso acaba dificultando sua relação com as pessoas do meio em que vivem, ocasionando as deficiências de relacionamento interpessoais e de interação com o meio. Outra característica da criança autista é que,

Ela está sujeita a se assustar com coisas totalmente inofensivas, talvez devido a um pequeno incidente anterior. [...] Por outro lado, sua falta de compreensão faz com que ignorem perigos reais. Elas podem atravessar a rua na frente do tráfego, ou se equilibrar perigosamente em bordas estreitas de um muro alto, sem medo algum. Às vezes riem de coisas que lhe dão prazer, como uma luz piscando ou a sensação macia de algo que estejam segurando.

Revista Gepesvida

Outras vezes, sem razão aparente, choram lágrimas de profunda tristeza – como se o mundo fosse demais para eles – e parecem perdidos, desorientados e assustados. Podem, porém, ser confortados com o carinho e o contato físico de sua mãe ou alguém que conheçam e confiem (GAUDERER, 1985, p. 120).

Porém, apesar de todas as características que afasta essa criança da escola é importante salientar que essas têm direito a educação e, ao dar a elas a oportunidade de alcançar e manter um nível aceitável de conhecimentos é um direito.

Entretanto, o ensino de crianças pequenas deve estar adequado à realidade na qual o estudante convive e relacionada aos conhecimentos que ele traz da vida familiar e social, pois uma criança aprende por meio de relações que estabelece com seu meio.

A vida escolar é de grande importância na vida das pessoas e todos têm direito de participar do mundo escolar, pois é na escola que se conhece os primeiros amigos, tem a primeira professora, ou seja é na escola que as crianças aprendem a se socializar, trabalhar em grupo, e conseguir aprender diferenças de cada um. (BRITO, 2015)

Entretanto, as instituições de ensino precisam promover uma educação de qualidade para os estudantes com deficiência para que eles possam se desenvolver integralmente.

O PROCESSO DA APRENDIZAGEM

É importante reconhecer o processo de aprendizado para que depois se possa inserir a criança autista na escola e, principalmente, a sua formação na etapa da educação infantil. Assim, o processo de aprendizado se inicia muito antes da criança entrar na escola, pois antes disso já possuía o contato com o meio social que lhe permite.

Por esse motivo há relevância no que concerne aos estudos em relação ao aprendizado da criança autista, é preciso que o educador trabalhe de forma coerente pois não há receita, algo pronto que seja garantia de sucesso ou que funcione para todos. De acordo com Mota e Pereira (2008, p.2):

A aprendizagem é um processo contínuo que ocorre durante toda a vida do indivíduo, desde a mais tenra infância até a mais avançada velhice. Normalmente uma criança deve aprender a andar e a falar; depois a ler e escrever, aprendizagens básicas para atingir a cidadania e a participação ativa

Revista Gepesvida

na sociedade. Já os adultos precisam aprender habilidades ligadas a algum tipo de trabalho que lhes forneça a satisfação das suas necessidades básicas, algo que lhes garanta o sustento.

Logo, o processo de conhecimento de uma criança dever ser de forma contínua, ou seja, cada criança assimila o conhecimento de uma forma. É importante ressaltar que em relação ao ensinotradicional, a criança autista não está inserida nesse contexto, pois dificulta mais ainda o seu aprendizado e a sua inserção nos anos seguintes, pois o autista tem como característica muitas vezes de ser agressivo, com hábitos repetitivos, e muitas vezes, possui dificuldade para aprender.

Diante de alguns questionamentos do desenvolvimento infantil Piaget (1991) partiu de alguns questionamentos de como se adquire o conhecimento, e como se desenvolve a capacidade de conhecer. E buscando estas respostas, iniciou seus estudos observando e analisando o comportamento de seus próprios filhos e crianças de sua comunidade.

Piaget (1991) denominou estas etapas em “período do desenvolvimento” como será descrito abaixo.

1ª Fase – Sensório Motor: acontece em criança de 0 a 2 anos, onde conquista através da percepção e dos movimentos, todo o universo que a cerca.

2ª Fase – Pré-Operatório: acontece com criança de 2 a 7 anos, ocorre o aparecimento da linguagem, um fato importante que contribui para modificações no aspecto intelectual, afetivo e social da criança.

3ª Fase – Operações Concretas: acontece com crianças entre 7 a 12 anos, rizado pelo início da construção lógica, isto é, a capacidade da criança estabelecer relações que permitem a coordenação de pontos de vistas diferentes.

4ª Fase – Operações Formais: acontece com as crianças de 11 a 12 anos, ocorre a passagem do pensamento concreto para o pensamento formal, abstrato.

A partir dos ensinamentos de Piaget (1991), que afirma que o sujeito é um componente ativo no processo de aprendizagem, ou seja, o sujeito aprende por meio de suas ações, ademais vale lembrar que o mesmo não acontece com as crianças autistas, o

Revista Gepesvida

seu desenvolvimento se dá de uma forma diferente das outras, ela não consegue seguir um padrão.

Ainda em relação ao aprendizado Vygotsky (1987) defende a chamada zona de desenvolvimento proximal (ZDP) da criança é a distância entre seu desenvolvimento real, que se determina através da solução

Assim, podemos perceber que existe uma estreita relação entre aprendizado e desenvolvimento da criança autista, ou seja, o aprendizado permite ao indivíduo a maturação das suas funções psicológicas propiciando o seu desenvolvimento.

A INCLUSÃO ESCOLAR E O PAPEL DO PSCICOPEDAGOGO

Atualmente é importante que todas as escolas estejam baseadas na educação inclusiva buscando assim atender as necessidades individuais das crianças por meio de um planejamento que permitam aprendizagem a todos na perspectiva de uma educação democrática.

Tendo como pressuposto que toda criança tem direito a educação de qualidade de forma inclusiva, a escola e a educação inclusiva estão presentes no dia a dia de educandos, porém para incluir as crianças com deficiência precisa estar preparada para adequá-los a forma de ensino das escolas.

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens de nossos valores e sentimentos (MANTOAN, 2003, p. 12).

Nesta direção as escolas precisam se adequar as crianças com deficiência que necessitam de um tratamento diferenciado, porém não de exclusão, a fim de proporcionar-lhes um ambiente acolhedor e os fazerem querer aprender sempre mais, tornando assim uma educação inclusiva e para todos, pensando além da quantidade de estudantes especiais inseridos na educação infantil.

A inclusão estudantes das crianças com deficiência nas escolas vão além do espaço, ou seja, é algo muito amplo, pois envolve a reestruturação dos espaços físicos, sociais e socioeducativos dos processos de ensino-aprendizagem.

Revista Gepesvida

No que se refere à relação entre pais e professores aponta-se, que os educadores precisam realizar um trabalho com as famílias com o objetivo dar oportunidade de sanarem suas dúvidas e no que se refere ao afastamento dos filhos entender que pode trazer benefícios não só a eles, mas à família também, neste sentido a educação, precisa estar voltada à socialização e integração dos autistas, pois o contato com a escola, professores e outras crianças pode ser de grande importância. (GAUDERER, 1985).

Todavia, por mais que as escolas tenham no seu quadro de professores, profissionais em formação, ainda são muitas as dificuldades para o desenvolvimento da criança autista, assim, é necessário incluir o uso de métodos para ajudar o ensino aprendizado desses estudantes, com isso foi criado o método TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação), que vem sendo utilizado no Brasil.

O método TEACCH tem como seu fundamento no estudo e experiência do Programa Estadual para Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Deficiências relacionadas à Comunicação, sendo que a TEACCH busca viabilizar o atendimento às necessidades que ocorrem no dia a dia dos autistas para proporcionando qualidade de vida (UCHÔA, 2015)

Com o método TEACCH é realizada uma avaliação conhecida PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) como forma de avaliação de estudantes para entender quais são seus maior interesse, e suas dificuldades, e assim pode organizar um programa individualizado. Desse modo, ressalta-se que o TEACCH se busca a adaptação do ambiente para na perspectiva de facilitar a compreensão da criança em relação a seu local de trabalho e ao que se espera dele. (MONTE, 2004)

O método tem como premissa de além de auxiliar professores, ele ainda visa no auxílio dos pais e responsáveis. É importante salientar que os pais sempre deverão estar presentes nesses processos, pois eles também devem organizar o espaço em casa, fazendo com que a criança se sinta melhor e segura e que se tratando de criança autista o processo deve ser de forma lenta e adaptativa (UCHÔA, 2015)

O profissional de psicopedagogia acompanha e orienta o processo de aprendizagem respeitando as habilidades de cada estudante. E, também, orienta os

Revista Gepesvida

profissionais que estão envolvidos na educação dos autistas. Por isso, dá instruções sobre como os professores podem contribuir e facilitar o aprendizado da criança estudante autista.

Ele pode também comparecer em reuniões escolares, por exemplo, e conversar com os professores para entender as dificuldades e problemas comportamentais apresentados dentro da sala de aula. Também cabe a ele direcionar uma rotina diária para oferecer uma previsibilidade de acontecimentos permitindo que a criança entenda o que está acontecendo a sua volta e tenha mais tranquilidade, menos angústia, ansiedade e frustração. Por isso, ele organiza as atividades que serão desenvolvidas e planeja o que será feito em casa e até mesmo dentro da sala.

O psicopedagogo ajuda a reforçar positivamente os comportamentos adequados e ensina a criança com TEA o que deve ser feito em determinada situação. Para isso, repete e ensina quantas vezes forem necessárias com paciência e respeito às dificuldades encontradas pelo autista.

O profissional também fica responsável de averiguar se criança com TEA está sendo incluída na escola, se suas necessidades estão sendo atendidas, se o ambiente escolar é o ideal e se os professores são qualificados e pacientes e também se o material didático é eficiente para o estudante com autismo. O psicopedagogo trabalhará sobre os problemas já existentes com a intenção de minimizá-los. Por isso, elaborará um plano de intervenção, com o objetivo de eliminar os conflitos ou problemas de aprendizagens apresentados. Provavelmente, esse trabalho será realizado em conjunto com a instituição de ensino e os pais dos alunos.

A oportunidade de ser acompanhado por um psicopedagogo é importante já que ajuda a criança a ser estimulada, a desenvolver as suas potencialidades e a ser mais sociável. E esses avanços podem ser realizados de forma lúdica para que ocorra o desenvolvimento da aprendizagem e melhora no rendimento escolar. Esse profissional faz a intermediação entre os professores e estudante visando manter um vínculo prazeroso e saudável.

Algumas escolas possuem psicopedagogos disponíveis que fazem o acompanhamento dos estudantes e podem ajudar as crianças com autismo. Há também a possibilidade de contratar uma consultoria de um pedagogo para que ele acompanhe o

Revista Gepesvida

indivíduo com autismo de forma individual e pontual. O psicopedagogo também pode trabalhar com a Análise de Comportamento Aplicada (ABA) para melhorar os comportamentos das pessoas autistas no ambiente escolar.

PREVALÊNCIA AUTISMO NO BRASIL

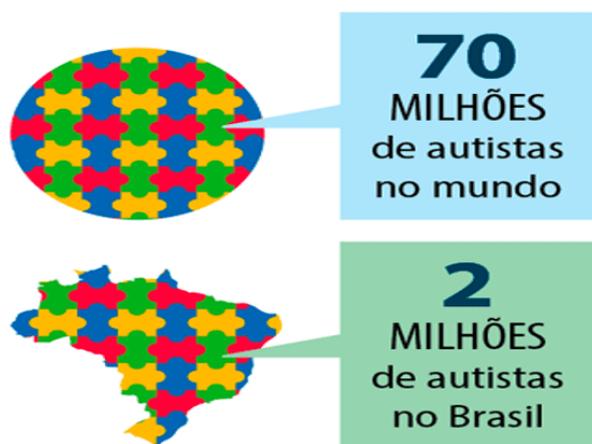
No Brasil muitas discussões, leis e decretos entre outros já foram instituídos com a finalidade de incluir estudantes especiais nas classes regulares. De acordo com a Agencia Senado (2018) uma das maiores conquista [para os autistas] foi a Lei 12.764, de 2012, conhecida como Lei Berenice Piana foi criada como política de Estado para atendimento, reconhecimento dos direitos das pessoas autistas, pois anteriormente existia uma invisibilidade quanto aos autistas e atualmente os autistas tem direito a uma educação inclusiva, em uma sala regular de ensino.

E no que se refere ao Transtorno Espectro Autista no dia 18 de junho é comemorado o Dia Mundial do Orgulho Autista, que tem por objetivo esclarecer a sociedade sobre as características únicas de indivíduos diagnosticados com algum grau do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e busca esclarecer, o reconhecimento de que o funcionamento cerebral de algumas pessoas é diferente do que é considerado típico. (Agencia Senado, 2018)

Com o Estatuto da Pessoa com Deficiência ou Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei 13.146, de 2015 trouxe autonomia para os autistas de gozarem de uma vida civil em condições de igualdade com os demais cidadãos. Lei nº 13.146, DE 6 de julho de 2015 determina em seu; Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Outra data importante para os autistas é o dia 2 de abril, Dia Nacional de Conscientização sobre o Autismo, data que foi instituída pela Lei 13.652, de 2018. Neste sentido a (Figura 1) a estimativa é que existam 70 milhões de pessoas no mundo com autismo, sendo que se encontram 2 milhões delas no Brasil.

Revista Gepesvida



Fonte: Estimativa da OMS

agência **senado**

Figura 1: Prevalência do autismo no Brasil e no mundo
Fonte: Agência Senado /2020

PREPARAÇÃO DOS PROFISSIONAIS

Entretanto vale ressaltar que os sistemas de ensino têm a incumbência de promover formação continuada para qualificação de educadores e auxiliares que trabalham na educação especial e inclusiva. E nas salas de aula com estudantes autistas e com deficiência será necessário ter dois professores: um regular e um especialista em educação especial, para que possam aplicar o plano educacional individual do estudante construído pela equipe multiprofissional e professores. Lembrando que quanto mais cedo a família ou os professores ter um olhar mais apurado para os sintomas, mais cedo começa a intervenção e os estímulos dessa criança assim como as terapias e tratamentos, trazendo grandes benefícios a longo prazo para a vida da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, percebe-se que o trabalho inclusivo na educação infantil precisa estar coerente com a realidade das crianças pois promove a integração das mesmas na

Revista Gepesvida

escola, na sociedade, e também na sua família.

Entretanto para que se possa compreender e principalmente ajudar a criança autista é necessário um olhar sob a perspectiva dela, suas necessidades e especificidades.

Vale ressaltar que o ambiente escolar composto por estudantes com histórias e formas de aprendizados diferentes, não há uma sala de aula homogênea, pois cada criança traz uma bagagem de experiência e tem o seu tempo, facilidade, dificuldade, o aprendizado é individual, acontece que para uma criança autista o seu aprendizado vem a ser de forma mais diferente do que de outra criança.

E além da escola e de toda a comunidades escolar, os familiares devem ajudar essas crianças a se desenvolverem de forma integral.

REFERÊNCIAS

SÁ, Antônio Lopes de. **Fundamentos da contabilidade geral**. Belo Horizonte: Una, 2000.

BRITO, Elaine Rodrigues. **A inclusão do autista a partir da educação infantil: Um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no Município de Sinop – Mato Grosso**, Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências v.6, n.2 (15. ed.), número regular, p. 82-91, jun./jul. 2015

GAUDERER, E. C. **Autismo e outros atrasos do Desenvolvimento: uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais**. São Paulo: Sarvier, 1985.

KLIN A, Jones W, Schultz RT, Volkmar F. A mente ativa, das ações à cognição: lições do autismo. *PhilosTrans R SocLond B BiolSci*. 2003;358(1430):345-60.

MANTOAN, M. T. E. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon: Editora SENAC, 1997.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão social: o que é? por quê? como fazer?** São. Paulo ColeçãoMemnon, 1997.

OLIVEIRA. M. K. de. V. **Aprendizado e Desenvolvimento, um Processo Sócio Histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1993. Orgulho autista é celebrado em 18 de junho, mas caminho para inclusão ainda é longo. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/orgulho-autista-e-celebrado-em-18-de-junho-mas-caminho-para-inclusao-ainda-e-longo>. 25 de set. de 2020.

Revista Gepesvida

RODRIGUES, Janine Marta C.; SPENCER, Eric. A criança autista: um estudo psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

VARELLA, D. **Criança-2 Autismo Primeira Parte**. Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/autismo-1-entrevista/>. Acesso em: 30 Out. 2020.